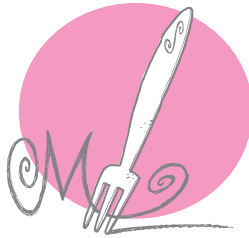


# Machado de Assis



para **principiantes**



# Machado de Assis

para principiantes

ORGANIZADOR  
MARCOS BAGNO

*Machado de Assis para principiantes*

© Marcos Bagno, 1997

Editor	Fernando Paixão
Editor assistente	Otacílio Nunes
Coordenadoras de revisão	Sandra Brazil Ivany Picasso Batista
Revisores	Márcio Araújo Cátia de Almeida
ARTE	
Projeto gráfico e ilustrações	Walter Vasconcelos
Editor	Marcello Araujo
Editoração eletrônica	Moacir K. Matsusaki

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

A866m  
2.ed.

Assis, Machado de, 1839-1908

Machado de Assis para principiantes / organização Marcos Bagno. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 1999.  
182p.:il.

Contém suplemento de leitura  
ISBN 978-85-08-07191-3

1. Assis, Machado de, 1839-1908 - Crítica e interpretação. 2.  
Ficção brasileira. I. Bagno, Marcos, 1961-. II. Título.

10-2049. CDD: 869.93  
CDU: 821.134.3(81)-3

---

ISBN 978 85 08 07191-3 (aluno)  
ISBN 978 85 08 07193-7 (professor)

**2013**

2ª edição  
16ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - CEP 02909-900 - São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 - atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br - www.atica.com.br/educacional

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





# S U M Á R I O

Apresentação 7

**ADULTÉRIO 9**

*O relógio de ouro* 14

**CETICISMO 23**

*Último capítulo* 27

**DINHEIRO 37**

*O empréstimo* 43

**LOUCURA 53**

*A segunda vida* 58

**MULHERES 67**

*Uma senhora* 71

**POLÍTICA 79**

*A sereníssima República* 84

**SENSUALIDADE 93**

*Uns braços* 100

**SER & PARECER 111**

*O espelho* 115

**VAIDADE 125**

*Fulano* 128

**HUMOR 135**

*Quem conta um conto...* 141

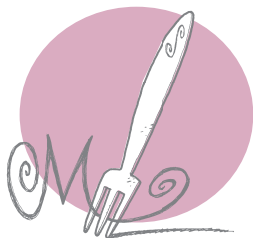
**VIDA & OBRA de**

**Machado de Assis**

*Um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora* 159



## A P R E S E N T A Ç Ã O



Quando se vai a um bom restaurante, é comum ficar-se indeciso diante da variedade de pratos gostosos oferecidos no cardápio. A melhor maneira de resolver esse “problema” — já que não se pode comer de tudo numa só refeição — é voltar várias vezes ao mesmo local para ir experimentando aos poucos tudo o que ele oferece de bom.

Foi essa a ideia que tivemos ao preparar esse “cardápio” de Machado de Assis. Aqui o leitor encontra um pouco de tudo o que há de mais saboroso na obra do nosso grande escritor — aperitivos, entradas e pratos principais. A escolha fica ao gosto do freguês, e, para facilitá-la, organizamos as opções de acordo com alguns temas capazes de agradar ao apetite mais exigente.

São dez os temas selecionados — adultério, ceticismo, dinheiro, loucura, mulheres, política, sensualidade, ser/parecer, vaidade e humor —, escolhidos entre aqueles mais frequentemente apontados pelos estudiosos de Machado, mas que de modo nenhum esgotam a riqueza de abordagens possíveis de sua obra.

Os *aperitivos* são pequenas frases e citações que, com poucas e afiadas palavras, introduzem o tema.

As *entradas* são trechos um pouco mais longos, extraídos de contos ou romances, que ilustram com mais pormenor a forma do autor de tratar o assunto.

E os *pratos principais* são contos, em texto integral, que permitem um mergulho mais fundo na visão de mundo muito particular e no estilo inigualável do autor de *Dom Casmurro*. Por causa desta organização, o livro não precisa ser lido de uma só vez, da primeira à última página, na ordem em que os temas

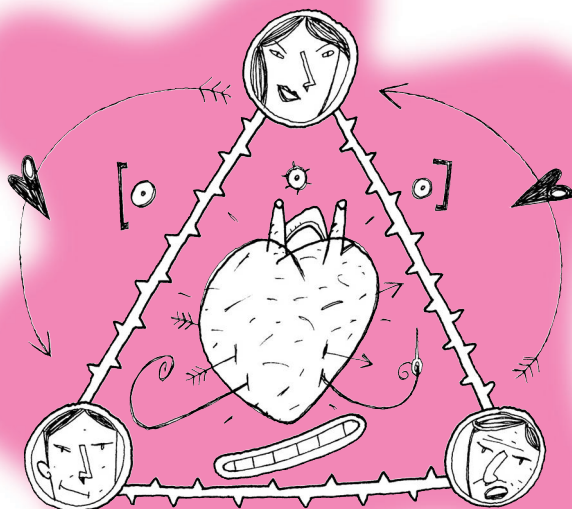
aparecem. Aliás, é muito mais interessante abri-lo ao acaso, deparar com um tema inesperado e deliciar-se com a “cozinha” maravilhosa do Bruxo.

Machado de Assis para principiantes? Que ninguém se ofenda com esse título. Afinal, diante de um grande autor como este, os estudiosos de sua obra e até mesmo outros grandes escritores reconhecem que não passam de principiantes, pois estão sempre a descobrir novas e admiráveis surpresas, que só se revelam depois de muitas leituras. Como disse Monteiro Lobato a respeito dele: “É grande, é imenso, o Machado. É o pico solitário das nossas letras. Os demais nem lhe dão pela cintura”.

*Marcos Bagno*



# ADULTÉRIO



**O** triângulo amoroso, composto em geral de dois homens e uma mulher casada com um deles, é o esquema básico dos grandes romances de Machado de Assis, bem como de alguns de seus contos. O adultério, porém, nem sempre fica explícito. Às vezes é apenas insinuado, sugerido, e não é raro o leitor ficar na dúvida: existiu realmente a traição?

“A mulher quando ama a outro homem, parece-lhe que mente a um dever, e portanto tem de dissimular como arte maior, tem de refinar a aleivosia.”

*Memórias póstumas de Brás Cubas*

“A minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me.”

*Dom Casmurro*

“Adriana é casada; o marido conta cinquenta e dois anos, ela trinta imperfeitos. Não amou nunca, não amou mesmo o marido, com quem casou por obedecer à família. Eu ensinei-lhe ao mesmo tempo o amor e a traição; é o que ela me diz nesta casinha que aluguei fora da cidade, de propósito para nós.”

*Conto “Primas de Sapucaia!”*

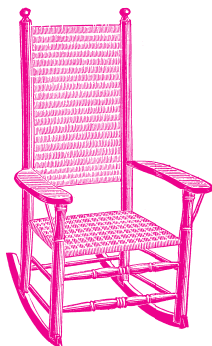
“ — Não me expliques nada — disse eu entrando no quarto —; é o negócio da baronesa.

Norberto enxugou os olhos e sentou-se na cama, com as pernas pendentes. Eu, cavalgando uma cadeira, pousei a barba no dorso, e proferi este breve discurso:

— Mas, meu pateta, quantas vezes queres que te diga que acabes com essa paixão ridícula e humilhante? Sim, senhor, humilhante e ridícula, porque ela não faz caso de ti; e demais, é arriscado. Não? Verás se o é, quando o barão desconfiar que lhe arrastas a asa à mulher. Olha que ele tem cara de maus bofes.”

*Conto “Eterno!”*

“Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufe-



mismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.”

*Conto “Missa do Galo”*

“A comunhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava ao piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração. Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo; Maria Luísa compreendeu ambas as coisas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada.”



*Conto “A causa secreta”*

“Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para

lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilheteinho. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.”

*Conto “A cartomante”*

Leremos a seguir dois trechos do romance *Dom Casmurro*, que contém o caso de adultério mais famoso da literatura brasileira, do qual, porém, o leitor nunca terá absoluta certeza. O primeiro narra as reações de Capitu durante o enterro de Escobar, grande amigo de Bento, marido dela, que desconfia do envolvimento de ambos. No segundo trecho Bento, o narrador, acredita ter descoberto, na semelhança física entre seu filho Ezequiel e o falecido Escobar, a prova da traição de Capitu.

### **“CXXIII – Olhos de ressaca**

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a tinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.”



### “CXXXIX – A fotografia

Palava que estive a pique de crer que era vítima de uma grande ilusão, uma fantasmagoria de alucinado; mas a entrada repentina de Ezequiel, gritando: — ‘Mamãe! mamãe! é hora da missa!’ restituiu-me à consciência da realidade. Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura. Este era aquele; havia por força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel. De boca, porém, não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou do filho e saíram para a missa.”



# O relógio de ouro

Agora contarei a história do relógio de ouro. Era um grande cronômetro, inteiramente novo, preso a uma elegante cadeia. Luís Negreiros tinha muita razão em ficar boquiaberto quando viu o relógio em casa, um relógio que não era dele, nem podia ser de sua mulher. Seria ilusão dos seus olhos? Não era; o relógio ali estava sobre uma mesa da alcova, a olhar para ele, talvez tão espantado, como ele, do lugar e da situação.

Clarinha não estava na alcova quando Luís Negreiros ali entrou. Deixou-se ficar na sala, a folhear um romance, sem corresponder muito nem pouco ao ósculo com que o marido a cumprimentou logo à entrada. Era uma bonita moça esta Clarinha, ainda que um tanto pálida, ou por isso mesmo. Era pequena e delgada; de longe parecia uma criança; de perto, quem lhe examinasse os olhos, veria bem que era mulher como poucas. Estava molemente reclinada no sofá, com o livro aberto, e os olhos no livro, os olhos apenas, porque o pensamento, não tenho certeza se estava no livro, se em outra parte. Em todo o caso parecia alheia ao marido e ao relógio.

Luís Negreiros lançou mão do relógio com uma expressão que eu não me atrevo a descrever. Nem o relógio, nem a corrente eram dele; também não eram de pessoas suas conhecidas. Tratava-se de uma charada. Luís Negreiros gostava de charadas, e passava por ser decifrador intrépido; mas gostava de charadas nas folhinhas ou nos jornais. Charadas palpáveis ou cronométricas, e sobretudo sem conceito, não as apreciava Luís Negreiros.

Por esse motivo, e outros que são óbvios, compreenderá o leitor que o esposo de Clarinha se atirasse sobre uma cadeira, puxasse raivosamente os cabelos, batesse com o pé no chão, e lançasse o relógio e a corrente para cima da mesa. Terminada esta primeira manifestação de furor, Luís Negreiros pegou de novo nos fatais objetos, e de novo os examinou. Ficou na mesma. Cruzou os braços durante algum tempo e refletiu sobre o caso, interrogou todas as suas recordações, e concluiu no fim de tudo que, sem uma explicação de Clarinha qualquer procedimento fora baldado ou precipitado.

Foi ter com ela.

Clarinha acabava justamente de ler uma página e voltava a folha com o ar indiferente e tranquilo de quem não pensa em decifrar charadas de cronômetro. Luís Negreiros encarou-a; seus olhos pareciam dous reluzentes punhais.

— Que tens? — perguntou a moça com a voz doce e meiga que toda a gente concordava em lhe achar.

Luís Negreiros não respondeu à interrogação da mulher; olhou algum tempo para ela; depois deu duas voltas na sala, passando a mão pelos cabelos, por modo que a moça de novo lhe perguntou:

— Que tens?

Luís Negreiros parou defronte dela.

— Que é isto? — disse ele tirando do bolso o fatal relógio e apresentando-lho diante dos olhos. — Que é isto? — repetiu ele com voz de trovão.

Clarinha mordeu os beiços e não respondeu. Luís Negreiros esteve algum tempo com o relógio na mão e os olhos na mulher, a qual tinha os seus olhos no livro. O silêncio era profundo. Luís Negreiros foi o primeiro que o rompeu, atirando estrepitosamente o relógio ao chão, e dizendo em seguida à esposa:

— Vamos, de quem é aquele relógio?

Clarinha ergueu lentamente os olhos para ele, abaixou-os depois, e murmurou:

— Não sei.

Luís Negreiros fez um gesto como de quem queria esganá-la; conteve-se. A mulher levantou-se, apanhou o relógio e pô-lo